



Sociedade das Ciências Antigas

CARTA A LORD BYRON

POR

FABRE D'OLIVET

CARTA A LORD BYRON

**ESTA CARTA É O PREFÁCIO QUE FABRE D'OLIVET
ESCREVEU PARA A OBRA TEATRAL CAIN,
UM MISTÉRIO DRAMÁTICO EM TRÊS ATOS,
DE LORD BYRON**

Meu Lord,

A brilhante reputação poética que tens adquirido, que já percorreu toda Europa, não tardou a chegar até mim. Ainda que absorvido em trabalhos literários de outra natureza que a sua, não estou tão distante assim das belas-artes que eu amei e cultivei em minha juventude, para não saber que Lord Byron é o principal poeta inglês, e que ele alcançou, pela força e originalidade de seu gênio, o cetro de “poeta entre os poetas” entre todas as nações européias. Todavia, apesar desse brilho, luzes indiretas e transitórias que sempre vem me tocar no mais íntimo de meu retiro, eu admito que não estava confortável com vossas obras. Eu as encarava como meramente poéticas, e supunha encontrar nelas, como podemos encontrar na poesia moderna em geral, apenas formas literárias mais ou menos pretensiosas, mais ou menos afetadas por um tipo de pesquisa e trabalho nos quais eu não estou mais interessado.

Eu deixei a carreira poética no mesmo instante em que entraste. Retirei-me cansado com as perpétuas descrições de imagens que lia. Julguei que existia o suficiente destas sobre assuntos tais como: o sol e a lua, as flores da primavera, as frutas do outono, a quietude das aldeias, o cuidado com os rebanhos, a glória e a vitória, amores e dias maravilhosos, armas e alarmes, tempestades nos mares, filhos do deserto e milhares de outras coisas maravilhosas que a rima introduz incessantemente para a grande variedade dos poetas (o autor faz um jogo entre palavras que rimam no texto original em inglês). Eu estava bem entediado, devo admitir, com as sempre repetidas representações dessas mesmas paixões, sempre expressadas nos mesmos termos. Nossos poetas, obrigados a unir as mesmas rimas e a introduzir as mesmas imagens, terminaram me persuadindo de que a poesia moderna, pronta a ser enterrada sob a sua própria produção, pode apenas se arrastar para fora de sua própria opressão, por meio de um esforço imenso. Eu acredito que, sobretudo em nossa poesia francesa que é a única que eu tenho cultivado, esse esforço consiste principalmente em jogar fora o julgo da rima; e eu fiz, com essa visão, alguns trabalhos preparatórios dos quais eu irei vos poupar os detalhes. Meu desejo em escrever-vos esta carta não é simplesmente dialogar sobre poesia, mesmo porque esse assunto vos é muito mais familiar do que a mim. A Europa deve antes receber lições suas, do que pretender dar-vos alguma através de qualquer poeta, não importa qual seja. Antes de chegar a este importante assunto, que fez com que eu levantasse minha pena para

escrever-vos, é necessário primeiro apontar as razões que me levaram a fazer isto. A que eu apresentarei agora é a menos importante. Irei vos explicar mais a frente as razões mais poderosas e decisivas.

Os trabalhos dos quais vos falei há pouco, meu Lord, e que tentaram dar à poesia Francesa uma forma de versificação já adotada por poetas de outras nações européias, principalmente pelos ingleses, quando apresentados ao Instituto da França, não obtiveram sucesso. Por causa de minhas primeiras tentativas, a Academia Francesa, que havia oferecido um prêmio para a questão de se a língua francesa é ou não suscetível de receber versos não rimados, julgou que não havia um só francês capaz de resolve-la. Para a surpresa geral do mundo poético, eles deram o prêmio a um certo italiano, talvez Corsican, pois eu esqueci o nome correto. Este italiano teve o enorme prazer de vir de Nápoles a Paris, no propósito de nos informar, para a eterna vergonha de nossos gramáticos, que nossa língua tinha falta de prosódia rítmica e que estava condenada por sua monotonia nata a possuir apenas versos rimados.

Por causa da afronta que recebi, posso apenas dizer como francês ou poeta, que estou verdadeiramente chocado com esse decreto; e me permito duvidar da infalibilidade de um tribunal que, em uma questão inteiramente francesa, em que apenas um francês poderia decidir, deliberadamente deu o prêmio a um italiano. Seja como for, percebi que era necessário renunciar por enquanto ao projeto – talvez precipitadamente – que já tinha elaborado; e abandonar a poesia e aguardar o apelo que eu acredito que fatalmente será impetrado contra o julgamento do Instituto da França, ao mais do que duvidoso reporte de um advogado italiano, de que nossa língua nunca terá ritmo prosódico.

Nessa situação, enquanto estava ocupado com esses estudos muito sérios, e principalmente com um comentário sobre uma nova tradução da *Cosmogonia de Moisés* que eu publiquei há muitos anos atrás, um risco que eu devo considerar como feliz se você puder vos dar alguma atenção, meu Lord, aconteceu de cair em minhas mãos seu poema sobre *Cain*. O assunto, que é necessariamente encontrado nas linhas dos meus presentes trabalhos, me causou um grande impacto, e por sua assinatura me dar a certeza de que ele foi tratado com grandeza, fui levado a lê-lo. Falar do efeito que essa leitura me causou é impossível no momento. Você irá julgar o impacto ao considerar a resolução que foi tomada em consequência.

Que o trabalho é uma maravilhosa peça de poesia está totalmente fora de qualquer dúvida. Não conheço nada do mesmo estilo que possa vos ser comparada. Vós sois, meu Lord, um poeta diretamente inspirado e não duvido que desde Homero qualquer um possa ter aspirado a essa prerrogativa. Porém não posso vos aplicar a idéia de Platão, e acredite, de acordo com esse filósofo, que vós podeis, como os poetas que ele cita, produzir por uma inspiração cega, e movido por um certo entusiasmo, dizer coisas de que vós não possuís conhecimento. Sou, portanto, obrigado a tomar seu impressionante poema como expressão de seus sentimentos, e levar a mim mesmo a ver em “*O Dramático Mistério de Cain*”, a declaração de uma doutrina que é injuriosa para vós, perigosa para outros, inadmissível para mim, é que é minha tarefa combatê-la.

Eu espero que não se sinta de maneira nenhuma ofendido. Se vosso poema não fosse uma das mais extraordinárias produções de nosso século, mesmo se fosse memorável apenas no meio literário, eu não teria me preocupado com ele. Vós produzistes outras obras que contêm, como eu disse, belezas de primeira ordem, e eu não estou surpreso. Vós podeis apenas pôr para fora aquilo que já existe dentro de vós – uma verdadeira beleza e uma poesia muito forte. Alguns o acusam de descrever muito fortemente as paixões turbulentas que assolam o coração dos homens, e as horríveis calamidades que afligem a natureza. Estas coisas são desafortunadamente muito comuns. A escolhas que fizestes dependeram de vós mesmo, e não vejo com vos imputar qualquer falta.

Não há serpente, ou qualquer monstro odioso
Que, pela arte da imitação, não possa ser agradável aos olhos.

Porém, é dito, que o quadro que pintais com muita veracidade dos vícios e das terríveis catástrofes da vida humana, oferecem um espetáculo, afetam a imaginação fraca, as perturbam e tendem a levá-las a se descaminhar. Eu não acredito nisto. Desde que essas coisas estão na natureza, é bom que os homens as conheçam, seja para sufocar as causas em si mesmo, seja para evitar os efeitos nos outros. Não é para assustar marinheiros ou para fazer com que amem naufrágios que alguém mapeia os recifes que cercam os mares, ou descreve as tempestades que agitam as águas; mas sim para iluminar sua inexperiência, para vos prevenir contra a falsa segurança e educa-los a prever ou suplantam os obstáculos marítimos. Portanto, creio que é útil quando alguém descreve as irregularidades de Don Juan de Sardanapalus, ou as admiráveis ações de Sócrates ou Tito. Se tivesses aplicado vossa poesia apenas para descrever indivíduos humanos, de qualquer natureza que possam ser, não tenha dúvida que admiraria vosso talento desde o momento em que viesse ao meu conhecimento, e, considerando vossos trabalhos como um todo estranho às minhas ocupações, eu não me teria aplicado a traduzi-las para poder combatê-las. Além disso, se ninguém viesse me dizer, como fizeram dezenas de vezes, que vós sois acreditado por ser inspirado por Satã, por causa da força e da veracidade que pões na retratação de personagens infernais e trabalhos satânicos, eu teria sorrido a elogio tão extraordinário; porém não devo considerar um elogio uma acusação que é tão estranha como ridícula.

Vós podeis me perguntar então, porque pus tanta urgência em traduzir seu *Mistério de Cain* e tanta importância em refutá-lo. Eis o motivo, meu Lord: é porque o que vós postes em cena não são indivíduos humanos, mas sim princípios cosmogônicos, nem expôs ações particulares ou mudanças de opinião, mas sim vestidos atos universais e dogmas universais. Vós não tirastes de uma história real os atos vívidos que contastes, e da qual tirastes as mais indubitáveis deduções, mas sim de um livro sagrado, o texto original que é desconhecido para vós, e que vós não entendeis. Eu peço que não vos escandalizeis com o que acabei de dizer, para, como Boileau disse uma vez divertidamente, “*Qu'on peut être honnête homme et mal faire les vers*” (que nós podemos ser honestos e fazer maus versos), eu digo com mais propriedade, e sem a menor cerimônia, que não apenas alguém não pode fazer boa poesia, mas ninguém conseguirá ser o maior poeta do mundo nem o mais digno dos homens se não souber hebraico.

E pode ser possível, meu Lord, que o curso dos seus estudos nunca vos tenha levado a se interessar por esse tema, ou mesmo que o tema tenha se apresentado para vós, o deixaste de lado para se ocupar com outras coisas ou idéias.

Os fatos sobre o seu "*Cain, um Mistério em Três Atos*", são, com sem dúvida acreditais, contidos nos primeiros capítulos de um livro sagrado chamado Bíblia. Porém, o verdadeiro título da Bíblia, que significa o *Livro* em grego, e que certamente indica sua origem grega, anuncia que esta é apenas uma versão de um trabalho muito mais antigo; que é do profeta dos hebreus, Moisés, e que contém a cosmogonia deste célebre homem, e sua doutrina sagrada. Hoje em dia o trabalho de Moisés existe em sua forma original, está escrito em hebraico sob o título de *Sepher*, e em seus primeiros capítulos encontramos os atos cosmogônicos que vós, juntamente com os tradutores gregos, retiraram os fatos históricos, tomando do original o nome *Bereshith* e o traduzindo para *Gênesis*.

Porém, se existe um original da Bíblia, chamado *Sepher*, como parece haver, é evidente que o original deve ter uma autoridade maior que a cópia. Antes de tomarmos como um fato que alguma coisa foi dita por Moisés ou se encontra no livro sagrado dos hebreus e, sobretudo, antes de tirar disto conseqüências tão formidáveis como as que tirastes, precisa ser provado não apenas que estas coisas estão realmente na Bíblia, mas também que estejam no *Sepher*, quer dizer, no texto original

do qual a Bíblia é apenas uma versão. É verdade que para incumbir-se desta tarefa é necessário compreender hebraico – o hebraico original, como Moisés o compreendia, - não o hebraico da escola, que é apenas um apógrafo da versão grega, desde que todos os dicionários hebraicos que possuímos são baseados nessa versão. Considere, meu Lord, que, como a versão grega do *Sepher* tem servido como padrão para dar um significado a todas as palavras hebraicas que entram na composição desde livro sagrado, os léxicos hebraicos não nos dão, seja em grego ou latim, outros significados que não os mesmos dados por esta versão. Portanto, para compreender o hebraico das escolas basta apenas conhecer a versão grega, e saber a versão grega é saber o hebraico das escolas, isto que dizer que, o hebraico destas escolas pode ser muito diferente do hebraico de Moisés, e de fato é. Isto é um círculo vicioso do qual é difícil escapar.

Os sábios que se ocuparam com a matéria ficaram muito consternados porque perceberam que a língua hebraica, em que Moisés escreveu, alterada pelas sucessivas revoluções pelas quais o povo hebreu passou nos últimos milênios, ficou irrevogavelmente perdida durante o cativeiro babilônico. Portanto, ela já não existia, quando quatrocentos anos depois, o rei do Egito, Ptolomeu, filho de Lagus, ergueu em Alexandria aquela soberba biblioteca que confiou aos cuidados de Demétrio de Phalero. Concebendo o plano de enriquecer esse monumento com toda a mais preciosa literatura de todos os povos, ele ordenou a tradução para o grego do *Sepher* de Moisés, um exemplar que havia recebido do soberano pontífice Eleazar. A dificuldade em encontrar judeus na Alexandria que pudessem entender a língua perdida há tanto tempo não foi a única barreira que se opôs aos planos do rei. Os essênios, de quem Demétrio fazia parte, os únicos em posição de responder a seu chamado, encontraram em seu credo um obstáculo insuperável. Eles não poderiam, sem cometer um crime, violar o mistério do livro sagrado. Uma temida tradição ameaçava com a cólera divina aquele que tentasse explicar o texto à estranhos. Pressionado entre as leis religiosas que proibiam a comunicação dos mistérios divinos e a autoridade do príncipe que os ordenara a tradução do texto, parece que esses sectários tomaram um atitude inteligente. Possuidores da tradição oral preservada desde Moisés, eles sabiam que o texto do *Sepher* fora construído de uma maneira que apresentasse, no *Bereshit*, três significados perfeitamente distintos, ainda que estreitamente unidos: o primeiro correto, o segundo figurativo, o terceiro hieroglífico. Sob esta tripla relação, o livro sagrado foi comparado por eles ao universo e ao homem, e foi composto igualmente de Corpo, Alma e Espírito. Pelo corpo do livro eles entenderam o sentido grosseiro e material; pelo espírito e pela alma, o sentido espiritual e misterioso, perdido para o vulgo. Dando o que eles chamaram o corpo do *Sepher*, obedeceram à autoridade civil, e velando o espírito, obedeceram à sua consciência. Fizeram portanto uma versão que não era, nem totalmente exata, nem completamente inexata. Das três partes da mesma coisa, deram uma, que servia para cobrir as outras duas, e que não comprometia os segredos que juraram guardar inviolavelmente.

O que tenho tentado explicar de uma maneira concisa, expliquei com grandes detalhes em minha obra publicada há seis anos atrás, intitulada *A língua hebraica reconstituída*, que ainda possui uns quinhentos exemplares circulando pelo mundo dos sábios. Isto é suficiente para mostrar que um trabalho desta natureza é reconhecido e apreciado. É de onde retirei as provas de que acabei de vos falar; e de onde mostrei, escorado por uma cerda erudição e de algum conhecimento das línguas do Oriente, “que a língua hebraica, mesmo que atualmente corrompida por um povo rude e retirada de seu original estado intelectual, deixando seus aspectos mais materiais, foi inteiramente perdida depois do cativeiro da Babilônia”. É um fato histórico que é impossível duvidar, mesmo pelos mais cépticos. A Bíblia mostra isto, o *Talmud* o afirma; é o sentimento dos mais famosos rabinos; Walton, autor do *Prolegomena* como o maior poliglota de Londres, não o nega; o melhor crítico que já escreveu sobre esta matéria, Richard Simon, nunca cansa de repetir isto. Desde que minha intenção, meu Lord, não é exauri-lo com esse tipo de erudição, eu irei recomendar essas leituras para vós, se julgais que deveis verificar minhas citações.

Agora que esse fato de suma importância ficou estabelecido, e que é há muito tempo conhecido pelos sábios de vários cultos, Israelitas, Cristãos e mesmo os Muçulmanos, como se pode duvidar de que, como muitos entre eles não se incumbiram de restaurar a língua hebraica, como poderiam compreender os mistérios do livro sagrado? Este livro não é venerado apenas porque serve como base aos três mais poderosos cultos da Terra, mas é também respeitado por sua antiguidade. É certo que muitos fizeram, em diversas épocas e entre diferentes nações, grandes esforços para chegarem a seu conhecimento último. Os sábios israelitas e os muçulmanos dos frutíferos séculos dos califas Al-Rashid, Al-Mamoun e Al-Mansor, estão, sem dúvida, entre os primeiros a alcançarem sucesso; porém seu sucesso permanece ainda totalmente desconhecido e circunscrito a si mesmos, devido ao preconceito de seus cultos que proibem-nos de divulgar a verdade. Muitos, todavia, fazem uso do seu conhecimento para dar impulso à ciência e conhecimentos à mente humana. Este foi o caso, entre os muçulmanos, do célebre Aben-Roshi, conhecido como Averrois, que, ao traduzir os trabalhos de Aristóteles para o árabe pela primeira vez, e ao comentar a filosofia grega, mudou a face da Europa. No meio da escuridão que a cobriu, ele lançou uma luz que, aumentando gradualmente, devolvendo todo o brilho das ciências que a ferocidade dos bárbaros tinha extinguido, e toda a beleza das artes que suas destrutivas espadas tinham aniquilado. Os israelitas cultos sempre se satisfizeram em velar suas doutrinas em livros obscuros que chamaram "cabalistas", de acordo com uma certa tradição oral chamada *Kabala* em seu idioma. Como eu disse falando dos essênios, a tradição oral remonta até Moisés, e esses israelitas se dizem possuidores dessa tradição. Entre aqueles que fizeram desta *Kabala* algo mais útil à ciência, podem ser citados, entre os antigos, Hilel, o mais ilustre dos editores do texto sagrado depois de Esdras; e entre os modernos, Maimonides e sobre todos, Espinosa.

Este último, que não é tão bem conhecido e que é grandemente desfigurado por seus intérpretes, é certamente, dos sábios modernos, aquela que mais contribuiu para o desenvolvimento do conhecimento. Ele ocasionou violentos choques de opiniões entre seus adversários e mesmo entre seus seguidores. O homem que o acusou de materialismo e ateísmo não entendeu nada do significado desses dois termos. Espinosa é o mais ardoroso unitarista que já apareceu na face da terra. Os axiomas que nos deu sobre a unidade universal ainda não foram sobrepujados.

Vós, meu Lord, pelo que eu pude ver em vosso *Cain*, o único trabalho seu que conheço, é um poderoso dualista, que dizer, um promotor dos dois princípios. Tem sido dito que és um ateuista, mas isso seria a mais absurda contradição. Vós sois talvez mais religioso que a maior parte daqueles que o acusam de ateísmo, sem terem a força para compreender a profundidade de vosso sistema. O único ponto em que errais, para mim, é na confusão que tens feito dos dois princípios que admitis. Porém teremos tempo para discutir isso nos comentários que farei a seguir.

Eu disse que os sábios israelitas e muçulmanos eram ensinados de que a verdadeira língua hebraica, fora, durante o lapso de tempo decorrente entre a missão de Moisés e o cativo na Babilônia, inteiramente perdida durante este cativo; e que estes fizeram inúmeros esforços para recuperá-la, e penetrar nos significados ocultos nos sagrados mistérios do *Sepher* - esforços que, para muitos deles, foram coroados de sucesso. A língua caldéia, síriaca e árabe que possuíam vos facilitaram esta tarefa em relação aos cristãos europeus. Entre os cristãos da Ásia, e especialmente entre aqueles da África que estavam estabelecidos no Egito, se encontravam muitos que levaram a mesma vantagem. Mas as luzes que eles tentaram difundir foram rapidamente extinguidas pelas calamidades fatais que se abateram sobre o Império Romano: a corrupção que grassava em suas ainda pobremente estabelecidas fundações e a irrupção dos bárbaros que lançaram suas estruturas políticas ao chão.

Os cristãos europeus aderiram ao fanatismo intolerante e selvagem dos Godos, pelo qual os judeus são muito culpados, sendo privados de discernimento e reflexão. Eles se recusaram a reconhecer como cristãos aqueles que, no concílio de Nicéia, admitiram como fizeram, os dogmas

do cristianismo, e aqueles que, na escola de Alexandria que foi erguida como um santuário, tinham criado todos os seus ritos. Trataram como heréticos todos aqueles que clamavam qualquer conhecimento naqueles anos de escuridão nos reinos dos vândalos e francos, e deram o nome de gnósticos ou sábios aqueles que não conseguiam compreender. No tempo em que o célebre Hypatia foi massacrado nas ruas de Alexandria, os livros de Orígenes eram anatematizados; e nem foi lembrado que para seu mestre Ammonius Saccus é devido o admirável rito da missa católica, que Lutero condenou porque não tinha condições de penetrar em sua admirável beleza.

Desde a época de Lutero, que teve sucesso em consolidar no cristianismo uma reforma já tolamentemente existente, não vejo que a língua hebraica tenha sido compreendida, em sua genialidade interior, por nenhum cristão de renome, - talvez apenas por Raymond Lully, que, impressionado pelas vantagens que poderiam ser obtidas pela compreensão do livro sagrado, realizou incansáveis esforços para conseguir que o hebraico fosse estudado nas universidades, juntamente com o árabe e outras línguas orientais. Antes dele, quer dizer, antes da metade do século treze, ninguém dificilmente conseguiu realizar esse intento, não obstante os trabalhos executados por São Jerônimo no fim do século quatro, onde se poderia utilizar a língua hebraica para retirar alguma ajuda para o avanço da religião cristã. As centenas de anos de obscurantismo que cobriram a Europa estão agora dando lugar a um ainda fraco amanhecer. Ainda que alguém possa utilizar a *Vulgata*, a Bíblia Grega ainda continua a autoridade máxima. Tudo se deve a esta cópia incorreta; ela é consultada com o mesmo respeito religioso que se deve ao original; e mesmo na época de Santo Agostinho, que afirmou isto expressamente, ninguém sabia realmente que o seu original existia.

Quando, devido aos esforços de Raymond Lullio a existência desse original foi novamente notada, o preconceito contra ele era tão grande, que o Cardeal Ximenes, que imprimiu em 1515 uma versão poliglota (hebraico, grego e latim, comparou-as a Jesus Cristo entre os dois ladrões, sendo a versão hebraica a do mau ladrão. Três séculos depois, no momento da aparição de Lutero, o trabalho original do profeta dos hebreus foi finalmente tratado por um príncipe da igreja)

Apesar de todas as dificuldades que Lutero teve para compreender o hebraico, este chefe da Reforma nunca a compreendeu; e isto por causa da violência de seu caráter, que o levava a sempre dividir e destruir, nunca tendo calma suficiente para levá-lo a penetrar nos mistérios, ou edificar qualquer verdade. Ele rejeitou vários mistérios do cristianismo sobre o pretexto de que não os entendia e, portanto, eram repugnantes à razão. Se ele tivesse se atrevido a seguir seu primeiro impulso, que seu caráter audacioso o fez incumbir-se, provavelmente teria rejeitado, um após o outro, todos os mistérios que não compreendesse, como Erasmo e Bayle maliciosamente observaram. Bayle dizia em seu estilo cáustico e conciso, que é inconsistente com a razão humana rejeitar duas coisas entre dez ou doze, quando se demonstra que todas elas são igualmente incompreensíveis; e que é necessário rejeitar todas as doze se alguém perde a fé, ou admitir todas se não a perdeu. Fé, de fato, não é uma coisa que se admite mais ou menos, como quente ou calor.

Porém Lutero, como vós bem sabeis, meu Lord, se orgulhava de ser o mais consistente dos homens. Ele tinha isto em comum com Calvino, porém ele era melhor e mais tolerante do que seu discípulo. Todavia este grande inovador, que rejeitou com audácia a autoridade do soberano pontífice, a quem ele conheceu como membro do corpo eclesiástico; que liberou os monges, seus colegas, de seus juramentos, de forma a liberar-se também deles; que aboliu por sua exclusiva autoridade o sacrifício da missa; que rejeitou o dogma da presença real no sacramento da Eucaristia; que disse que todas estas coisas eram contrárias à justiça e à razão, admitiu uma série de outras que esta mesma justiça e esta mesma razão teriam fortemente contestado e pelo qual é necessário ter fé. Porém desde que ele negou a autoridade da igreja, e desde que ignorou seu chefe supremo, quem poderá ser o regulador desta fé? A quem deverá ser dado? A quem deverá ser negada? Não é de se temer que possa ser colocada onde não deveria ser colocada e que não seja colocada onde deveria ser? Lutero, de forma a desembaraçar-se destes problemas, criou seu axioma

fundamental: "que a Escritura por si só deve ser a reguladora da fé; e que todo homem são e racional, de mente justa, pode ser seu legítimo interprete depois de se colocar em condições propícias pelo estudo, ou quando Deus lhe granjear com o dom da inteligência".

Muito bem. Vós fostes, meu Lord, crescido em meio à religião reformada, e eu também. Ambos pupilos desta doutrina, podemos entender um ao outro perfeitamente; e se eu não tivesse nada com o que reprová-lo como herético, vós não teríeis do que ter receio de minha ortodoxia.

Agora vejamos. Vós escolhestes do *Sepher* de Moisés, que Lutero chamava a Escritura, um texto; e o parafraseou em um poema, admirável do ponto de vista da poesia, porém do ponto de vista das induções que tirastes dele, errôneo até o mais alto grau. Entenda bem o que irei vos dizer, meu Lord: vós sois poderoso o suficiente em sua inteligência e gênio para permitir-me dizer-vos a verdade. Venho tentando torna-la aceitável para vós, não a repudie na primeira palavra; espera para ler tudo o que tenho a dizer, então decidis. Traduzi vossas mil e oitocentas linhas com animação em quinze dias, e as achei sempre maravilhosas, mesmo que, na maior parte das vezes, em contradição com meus sentimentos mais íntimos e queridos. Tenhais um pouco de indulgência com minha prosa e doe quinze minutos para sua análise.

Eis o texto sobre o qual seu poema está suportado. Em escolhê-lo como epígrafe vós tivestes muito trabalho em tornar inteligível a idéia que embelezastes. Seu trabalho é muito bonito, ainda que construído sobre uma fundação totalmente falsa. O que poderia ter sido se vós a tivestes erguido sobre uma fundação verdadeira!

Agora, a serpente era mais astuta que qualquer fera do campo que o Senhor Deus tinha feito. Gênesis III (No original do texto em inglês. Na versão da Bíblia de Jerusalém, em português, o texto é: "A serpente era o mais astuto de todos os animais dos campos, que Iahweh Deus tinha feito").

Esta, se não me engano, é uma tradução da Bíblia do Rei Jaime, impressa sobre a ordem expressa do monarca, e que deve ser lida em todas as igrejas. De acordo com a doutrina de Lutero, que é a vossa e a minha, vós sois um interprete natural da Escritura naquilo que vos concerne, desde que vos considero possuir um entendimento correto e uma mente justa. Porém vós estais certo de que isto é a Escritura, e vós não se preocupa em tomar como regra de vossa fé aquilo que não é a Escritura? Tinha Lutero, falando da escritura, dito da escritura dos helenistas, daquela de São Jerônimo, da sua própria ou de Calvino? Claro que não, mas da verdadeira Escritura, da Escritura de Moisés; em uma palavra, de seu *Sepher*. Agora vós sabeis se a versão inglesa que usais traz o significado correto? Se sim, eu concordo com vós que tudo que dizeis é justo, que todas as conseqüências que vós deduzistes são boas; e que vosso poema é, de fato, um enorme mistério. Porém se vossa epígrafe não traz nenhuma palavra do texto hebraico original, se não possui nenhum dos pensamentos de Moisés, o que significa no fim de tudo? Participando de uma noção falsa, vossa clara compreensão e mente justa tendem unicamente a levar-vos cada vez mais longe da verdade; todas vossas induções são ilusórias, e vosso mistério é unicamente um tolo fantasma que o sopro da verdade dissolverá em fumaça.

Vós não sois o único, meu Lord, que a errônea tradução do primeiro capítulo do Gênesis (*Baereshit*) levou a tristes resultados. Nos primeiros séculos do Cristianismo, os homens que foram atraídos pelo brilho desses ritos, e pelas profundezas dos mistérios, eram geralmente sábios, filósofos platônicos, que, cansados da corrupção do politeísmo, e das divagações dos mistérios, vieram ao seio da Divina Unidade, juntar-se à Palavra e a Alma Universal, para se libertarem da multitude de deuses e deusas, semideuses e heróis, quantidade tal que os sufocava. Porém, quase sempre estes homens refeitos dos primeiros deleites aprazíveis causados pela moral do Evangelho, em seus dogmas simples e consoladores; aproveitando-se de uma réstia de luz naqueles dias

obscurecidos para fixar as bases do credo que foi apresentado a eles, se apartaram bruscamente dele por causa de sua vaidade. Pessoas como Valentino, Basilius, Marcion, Apelles, Bardesanes e Manés, os mais terríveis adversários que a Bíblia encontrou. Todos trataram como ímpio o autor de um livro no qual o Ser, Deus por excelência, é retratado como o autor do mal; no qual este Ser criou sem plano algum, arbitrariamente, repentinamente, com ódio, e puniu uma inocente posteridade pelo crime de uma queda Ele mesmo preparou. Manés não disse, em sua obra, nada além do que vós mesmos o dissestes em vossa obra. Julgando Moisés de acordo com o livro grego que é dito ser de sua autoria, o poderoso heresiarca presenteou o profeta dos Hebreus como tendo sido inspirado pelo gênio do mal.

E não foram apenas as pessoas que eu nomeei anteriormente, ou seus sectários, condenados como heréticos, que sofreram estas dificuldades. Entre os primeiros padres da igreja, os mais sábios e mesmo os mais ortodoxos foram afligidos pelas mesmas dificuldades. Santo Agostinho concordava que não era possível conservar o significado literal dos três primeiros capítulos do Gênesis sem uma piedade ofensiva e sem atribuir a Deus atos pouco edificantes a Ele. Orígenes declarou que se alguém tomasse a história da criação pelo seu sentido literal, esta seria absurda e contraditória. Ele se apiedava da ignorância daqueles que, levados pela letra, e não compreendendo o espírito dos livros sagrados, atribuíam a Deus sentimentos e ações que não poderiam ser atribuídos ao mais injusto e bárbaro dos homens. O sábio Beausobre, em sua "História do Maniqueísmo", e o Padre Petau, em seus "Dogmas Teológicos", listam uma multitude de exemplos similares. O mais intrigante é sem dúvida aquela de São Paulo, que declara em inúmeras passagens que a letra mata, e que o espírito vivifica, e quem, em sua "Segunda Epístola aos Coríntios", declara claramente que Moisés lançou sobre seus escritos um véu que o judeu comum não poderia levantar.

Vós podeis perceber, meu Lord, que o defeito radical do capítulo do qual vós retirastes o texto para o vosso poema, também dificultou outros como vós. Foi sempre para evitar as grandes dificuldades criadas pelas conseqüências que poderiam ser advindas disto, que a igreja Cristã, iluminada pelas tempestades excitadas por Marcion e Manés, tomou a prudente resolução de proibir as pessoas de lerem os livros sagrados. Os protestantes protestaram fortemente contra esta resolução, que consideravam como tirânica, mas não viram, ou não quiseram ver, que esta era a melhor solução a tomar de acordo com o andamento dos fatos. Era melhor deixar certos indivíduos em sua ignorância, do que vos dar, irresponsavelmente, um conhecimento fatal que os iria levar a sua própria destruição ou a destruição de outros indivíduos. Esta interdição, limitada, além disto, às classes inferiores da sociedade então ligadas pela obscuridade, estava longe de ter as mesmas desvantagens da liberdade ilimitada pregada por Lutero. Esta liberdade, como vós conheceis, produziu uma multidão de sectários estúpidos de repentina e tola presunção, persuadida, em meio à sua estupidez e delírio, de que possuíam suficiente lucidez e compreensão, ou suficiente favorecimento divino para interpretar as Escrituras. Desde que surgiu na Alemanha e na Inglaterra uma multidão de seitas conflitantes entre si, Moravianos, Anabatistas, Puritanos, Quackers, etc., desde o início da Reforma, se alastraram e preencheram a Europa com tribulações e assassinatos.

Teria sido muito melhor, sem sombra de dúvida, se os livros sagrados tivessem sido traduzidos de uma maneira tal que pudessem ser manuseados por todo o mundo, sem nenhuma dúvida quanto a sua interpretação. Mas não poderia ser assim, desde que a língua hebraica se perdeu, e uma defectiva versão veio a existência através dos Essênios, e usurpou o lugar do texto original. Talvez a igreja cristã possa ter reconhecido rapidamente o mal e descoberto uma solução, procurando restaurar em todo seu esplendor o monumento sagrado sobre a qual foi fundada; por meio disto ela certamente se livrou dos distúrbios causados por Wycliff e John Huss, e pode não ter sido destruída pelo cisma de Lutero e Calvino. É apenas uma questão de procurar um sábio que devote a si mesmo em reconstruir o edifício em ruínas que é a língua de Moisés. Esta tarefa é difícil, porém não impossível, desde que muitos homens, entre israelitas, muçulmanos e cristãos, a

realizaram para seu próprio uso, e desde que finalmente eu mesmo a realizei, desejo em conhecer a origem do universo, na época em que meu plano era escrever a história da Terra.

Que tive sucesso nesta tarefa me parece ser sem sombra de dúvida, pelo trabalho que publiquei sobre este assunto e circulou entre um grande número de sábios, durante algum tempo (este trabalho é composto de uma gramática hebraica construída sobre todo um novo princípio; de um vocabulário de raízes gramaticais; e de uma tradução para o Inglês e Francês, dos dez primeiros capítulos do Gênesis, com notas, em que o significado dado a cada palavra é provado pela sua análise radical e é confrontada com as palavras correspondentes nas principais línguas do Oriente – (A Língua Hebraica Restaurada)). Foi depois de haver estabelecido esta base da língua hebraica e enquanto estava ocupada com o comentário para o livro “A cosmogonia de Moisés”, que vosso “Mistério de Cain” caiu em minhas mãos. Eu vos disse, meu Lord, que efeito ele me fez. Determinado por um impulso repentino em interromper minhas sérias ocupações, entrei no campo poético e traduzi sua obra para poder melhor combatê-lo. Permita isto, desde que só vos fará aumentar suas glórias. Esta não é uma questão puramente poética, pois neste campo vós estais acima de qualquer questão. É apenas uma questão das conseqüências que criastes em seguir determinados atos cosmogônicos, que uma versão imperfeita (da qual eu revelei a origem), vos levou a tomar por atos históricos. Vejamos o que estes atos são, leiamos o que Moisés escreveu e não aquilo que os tradutores fizeram com que ele dissesse.

O que Moisés escreveu foi por mim publicado na obra que acabei de citar. Seria muito longo transcrever-la inteiramente; e, além disso, esta transcrição poderia levar-me em explanações que iriam exceder os limites que eu mesmo impus a esta carta. Vamos nos contentar por enquanto com algumas idéias gerais, das quais eu terei outras ocasiões para retomá-las. Vamos tomar vossa epígrafe separadamente, e ver em que esta cópia difere do original.

A versão em inglês que vós copiastes diz, como vimos: *"Agora, a serpente era mais astuta que qualquer fera do campo que o Senhor Deus tinha feito"*. E o que Moisés realmente disse foi: *"Agora, Nahash (cupidez) era uma paixão insidiosa (princípio obscurecedor) em toda a vida elemental que Yahweh Elohim tinha feito"*.

Podeis ver meu Lord, que no texto não temos nem serpente, nem astuta, nem fera, nem campo. Os tradutores helenistas disseram todas essas coisas por ignorância, ou como eu suspeito, propositadamente. Todo o resto do capítulo está sob suspeita. Depois deste exemplo vós podeis julgar o singular contraste que este apresenta. Estes tradutores, não desejando retirar o véu que Moisés lançou sobre a origem do mal, por medo de incorrerem no anátema que era imposto sobre aqueles que traíam este terrível mistério, trataram de escondê-lo o mais que puderam. Para eles, Nahash, cupidez, se tornou a "serpente", uma insidiosa paixão, um princípio obscurecedor, se tornou "uma astuta", e a vida elemental foi transformada em uma "fera", e finalmente, a natureza não era mais do que um "campo". O que vós pensais desta transformação. Vós entendeis agora o efeito singular que seu poema teve sobre mim?

Uma vez que o legislador dos hebreus, tomado pela graça divina, se elevou a alturas incomensuráveis; uma vez que ele desenvolveu e realizou os princípios da lei universal em sua origem universal; uma vez que ele representou suas modificações e particularizações, vós, seguindo os passos de tradutores maliciosos, vistes em seres cosmogônicos, homens e mulheres; e na modificação desses seres, fatos históricos, de onde tirastes conseqüências rigorosamente verdadeiras para vós, porém inteiramente falaciosas.

Vejamos primeiro as características que vós destes a vossos personagens.

Em seu drama, Adão é um bom homem que se deixa governar por sua mulher, e que sempre faz tudo o que ela pede, acreditando que está unicamente seguindo sua própria vontade. Eva é uma mulher, passional, esperta, porém violenta e vingativa, reinando sobre seu marido a quem está subjugada, e a quem finge se submeter, apesar de sempre temer de ser realmente dominada por ele algum dia.

Cain é um homem de caráter violento, apaixonado porém generoso; capaz de grandes virtudes como de grandes crimes de acordo com o que é movido; indomável em sua vontade, porém suscetível de ser influenciado. É famoso por sua grande força, que usa tanto para o bem como para o mal.

Seu irmão Abel se tornou, sob sua pena, um homem fraco, de caráter gentil, inclinado para o bem, porém sem energia para manifestá-lo.

Adah e Zilah são personagens insignificantes. Existe entretanto em Adah, traços bruscos de uma maravilhosa personagem feminina.

Adão, em sua essência universal, não pode ser explicado sem uma prévia instrução; pois a civilização européia não está ainda tão avançada como a da Ásia e África estava antes de Moisés, não adquirindo ainda a mesmas idéias universais, perdendo, como consequência, os termos de expressá-las. Estes termos só podem ser formados conforme as idéias vão se formando. Poderá ser encontrado nos Comentários (os comentários estão em anexo após o texto da obra) que eu preparei, todos os dados necessários para alcançar este propósito. Adão é aquilo que eu chamei de *Reino Hominal*, que tem sido incorretamente chamado de *Raça Humana*; ele é um *homem*, concebido abstratamente: quer dizer, a massa genérica de todos os homens que compõe, compuseram ou irão compor a *humanidade*; que gozam, gozaram ou irão gozar a *vida humana*. Esta massa, concebida portanto como um único ser, vive a correta vida universal que é particularizada e refletida em indivíduos de ambos os sexos. Considerado sobre esta última assertiva, Adão é tanto macho como fêmea.

Seja Adão concebido em sua essência universal ou particular, Eva é sempre sua faculdade criativa, sua força eficiente, sua própria vontade, pelo meio da qual ele manifesta a si mesmo exteriormente. No princípio de sua existência universal, Eva não se distinguia da faculdade criativa universal da qual Adão emanou. Foi após o momento de sua distinção que Adão se tornou um ser livre e independente, e que ele pode exercitar exteriormente, de acordo com sua própria vontade, sua eficiência e sua força criativa. Foi sempre através de Eva que Adão foi modificado, seja em bondade ou maldade. Eva vos fez tudo dentro dele e sem a sua ajuda.

Cain e Abel são as duas forças primordiais da natureza elemental. São os dois primeiros seres cosmogônicos produzidos por Eva, quando depois de um certo movimento em direção à natureza elemental, ela perdeu seu nome de *Aisha*, que designava a natureza intelectual de Adão, para tomar o de Eva, que expressa não mais do que a vida material desse ser universal. É nesta vida material que Cain e Abel nasceram e que seus princípios, que estavam incubados desde a origem de tudo, passaram à ação para produzir tudo o que no futuro constituiria a vida. Cain pode ser concebido como a ação da força compressiva, e Abel como a força expansiva. Estas duas ações, aspectos da mesma fonte, são hostis desde o momento de seu nascimento na natureza. Elas atuam incessantemente uma sobre a outra, e procuram reciprocamente se dominar, e reduzir-se a sua própria natureza. A ação compressiva, mais energética que a expansiva, sempre é dominante no início; e preponderante, compacta a substância universal sobre a qual age, dando existência às formas materiais que não existiam anteriormente.

Ao personificar estas duas ações sob os nomes de Cain e Abel, e considerando estes dois seres elementais como irmãos, alguém poderia facilmente ver um assassinato no que era uma ação cosmogônica de destruição momentânea, e poeticamente chamar de fratricídio esta destruição, uma ação de um sobre o outro. Então graças a tradução grega, ela foi transformada em uma ação histórica e positiva, em um assassinato, em um crime execrável, em um fratricídio, uma ação cosmogônica que começou na origem na vida elemental, que ainda persiste, e que irá persistir até que esta vida de lugar à outra.

Veja, meu Lord, que os lindos versos que fizestes sob o pretense fratricídio de Cain são completamente inúteis, ao menos nas conseqüências que vós gostaria de inferir para nós. A fatalidade de nosso destino não depende mais do fratricídio de Cain do que do fato de que, quando o fogo reduz os corpos em vapor, estes vapores, condensados sob uma certa ação elemental, caem novamente como água, extinguindo o fogo que vos deu nascimento. Esta ação cosmogônica, que pode ser considerada poeticamente como um fratricídio permanente se os dois elementos fogo e água forem considerados irmãos, pode também ser considerado um parricídio, se alguém é levado, por alguma alegoria mítica ou por uma má interpretação de alguma antiga cosmogonia, a encarar os dois elementos como filhos um do outro. Isto foi o que precisamente ocorreu com muitas antigas nações, e particularmente com os Gregos e Romanos, que puseram o parricídio no topo de suas cosmogonias, da mesma maneira e pelas mesmas razões que nós a colocamos como um fratricídio.

Como Moisés não nomeou as esposas de Cain e Abel, a quem vós chamastes de Adah e Zillah, não tenho comentários a fazer, além de que ele pode ter considerado-as como faculdades plásticas que atribuiu aos seres cosmogônicos. Este é o caminho consistente que este escritor hieroglífico seguiu na explanação de sua doutrina. Expliquei em meu livro "A Língua Hebraica Reconstituída", o que pode ser entendido por Adah e Zilah, esposas de Lamech, e do nome Lamech também. Irei retornar a essas personagens cosmogônicas no comentário que seguirá este trabalho.

Como Lúcifer, principal personagem de seu Mistério dramático: este Lúcifer, cujo nome brilhante deriva de uma frase mal interpretada de Isaías, a quem vós destes, meu Lord, um papel tão importante, um estilo tão grandioso, um poder tão vasto - este Lúcifer, eu digo, não era conhecido de Moisés como um ser distinto e independente. O primeiro escritor hieroglífico que nos falou deste assunto foi Jó, a quem nomeia Satã, e que o faz aparecer na presença de Yahweh juntamente com outro espírito imortal, chamado *Beni-Elohim*, o filho dos deuses. Moisés também o cita como produção de Yahweh, o Ser dos Seres; porém vos dá o nome de *Nahash*, que caracteriza bem o profundo e íntimo sentimento que se junta ao ser em sua existência individual, e que o faz ardentemente desejar conservá-la ou estendê-la. Este nome, que eu substituí pela palavra "Cupidez" (atração original), foi lamentavelmente traduzida na versão grega como "Serpente", porém nunca teve este significado mesmo na linguagem vulgar. O hebraico tem duas ou três palavras, totalmente diferentes, para designar uma serpente. *Nahash* é ao contrário, se posso expressar, aquele egoísmo radical que leva o ser a fazer um centro de si mesmo, e de querer tudo para si. Moisés diz que este sentimento é a paixão cega da animalidade elemental, a fonte secreta ou fermento que Deus deu a natureza. É muito interessante que o nome usado aqui pelo escritor hieroglífico para designar esta paixão, esta fonte, este fermento, seja *Harym*, o mesmo nome que Zoroastro utilizou entre o Persas para designar o gênio do mal. Este nome caracteriza, aproximadamente em todos os idiomas do Oriente, tudo o que é central, oculto, misterioso, velado, obscuro. Portanto, de acordo com o espírito do *Sepher* e da verdadeira doutrina de Moisés, *Nahash harym* não pode ser um ser distinto e independente, como vós descrevestes Lúcifer, seguindo o sistema que Manés emprestou dos Caldeus e Persas; mas de fato uma motivação central dada à matéria, uma fonte oculta, um fermento, agindo na profundidade das coisas, que Deus colocou na natureza corporificada para elaborar seus elementos.

Nós iremos retornar novamente a este importante assunto no curso dos comentários que me proponho fazer sobre as mais impressionantes passagens de vosso poema. É suficiente para mim ter primeiramente provado nesta carta que o assunto da obra "Mistério de Cain", da maneira que vós apresentastes em seu drama, não se encontra na obra de Moisés; e que este assunto, por não ter fundamento, é falaciosa em sua forma, porque todos os personagens existentes são fantasiosos e inverídicos. Portanto, desde que os fatos que vós apresentastes como positivos são ilusórios e estão ligados, não a ações humanas mas a ações cosmogônicas, as conseqüências que vós assumistes por dedução são absolutamente hipotéticas, e se dissolvem no ar, como eu havia afirmado.

Já dizemos o suficiente sobre a parte física do vosso "*Mistério de Cain*". Sobre a parte moral, devo dar minha opinião em uma breve reflexão; e espero, meu Lord, que não vos sintais de maneira nenhuma ofendido por me ver atacando princípios que acredito serem subversivos à sociedade: princípios que sem sombra de dúvida vós permitistes surgir com pesar, em cada momento quando fostes forçado pelas inevitáveis conseqüências de vosso raciocínio.

Tudo isto, entretanto, não tira a beleza poética de vossa obra. Apenas lamento que seu talento admirável não tenha sido exercitado com uma mais profunda compreensão do assunto que tratastes. Que coisas maravilhosas poderiam ter sido ditas! Que imagens sublimes poderiam nos ter sido apresentadas, se em vez de mostrar Cain e Lúcifer sempre em conluio, vós tivesses oposto as tolas declamações de ambos às magníficas expressões do Ser, possuidor de toda verdade, que teria expressado argumentos irresistíveis. Vós éreis capaz de tê-lo feito; julgo isto pela incrível força que utilizou para fazer o erro triunfar. Ele triunfa em vossos versos, este terrível inimigo da verdade; pois estremei mais de uma vez ao traduzir vossos versos. Todavia, mesmo comovido, mesmo horrorizado, nunca menosprezei vosso talento. Mesmo sem vosso talento, sem dúvida, eu senti um certo orgulho em não manter muito aquém meu modelo, em mostrar para aqueles que possam ler-me com imparcialidade que a língua francesa continua no mesmo nível da inglesa, como para testemunhar-vos enquanto vos combato, a grande estima que tenho por meu adversário.

Ficarei extremamente lisonjeado, meu Lord, se julgueis merecedor disto, em receber a garantia dos mais distintos sentimentos de que tenho a honra de ser,

Seu mais humilde servo,

FABRE D'OLIVET

FIM